

Uma palavra contra a loucura

Roberto Paulo Cezar de
Andrade *

Quod Zeus vult perdere, prius dementat já diziam os romanos: aqueles a quem Zeus quer destruir, antes enlouquece. O Brasil está sob a maldição do Olimpo. Basta ler os jornais e conversar com homens representativos das lideranças empresariais e políticas para sentir a onda de insensatez que se alastra e se aprofunda de forma assustadora. Brasília e São Paulo são focos anti-téticos e ressonantes dessa onda. Entre o planalto cívico e o planalto empresarial cria-se uma relação de mútua e crescente desconfiança e hostilidade.

As acusações mais infundadas, assim como os boatos mais absurdos, são repassados e reconfirmados, como se verdades comprovadas fossem — por pessoas cuja credibilidade deveria ser inatacável. Em consequência, a Nação vive momentos de tensão, angústia e sobressalto, agravando, muito além do necessário, o sofrimento de milhões de brasileiros submetidos à pressão constante de uma inflação confiscatória e de incerteza total quanto ao futuro.

Há quem descreva o momento como de “queda de braço” entre o Governo e o empresariado. É descrição simplista: na queda de braço, quem perde sofre apenas a humilhação da derrota e quem vence sai incólume. A disputa atual é diferente. Mais se assemelha a uma briga de navalha em quarto escuro: ninguém vê o alvo, gobeia-se às cegas — os ferimentos são profundos e o sangue jorra abundante, camuflado pelas trevas. Nada se lucra. Só a anemia crescente do país, na medida em que as arterias sangram e as amputações são irreparáveis.

É o destroçamento sem glória: em vez do torneio de campeões, a briga de malandros, sórdida e possivelmente fatal. É preciso acender a luz. Jogar água fria, parar para pensar.

Já não falemos da Pátria — a palavra e o concito parecem condenados à obsolescência em nossa sociedade cada vez mais aética, consumista e internacionalizada. Falemos de nós mesmos: não de empresários, políticos ou operários, mas de pessoas: homens, mulheres,

pais, mães, filhos, avós e netos. Nós que em conjunto somos a comunidade do país.

Não é possível que continuemos a permitir que se brinque com fogo entre barris de pólvora. Que se advogue a hiperinflação como purga necessária para se poder combater a inflação: como a aconselhar a acender fósforos para ver se há gasolina no tanque...

Não será a “intifada” paulista que fará o governo recuar de suas posições. Já não por teimosia, mas porque não há para onde recuar. Sabemos por experiência própria que os choques e congelamentos são crescentemente ineficazes e só adiam por prazos cada vez mais curtos os surtos cada vez mais fortes da crise.

Se o choque não vier, os que perderão de imediato por terem apostado nele, são muitos e poderosos. Os que perdem irremediavelmente, se ele vier, seremos nós todos.

Ao combater o choque e ao apoiar o governo em seu esforço para evitá-lo não estaremos apoiando o Presidente, enquanto político e pessoa com cujas idéias e posturas podemos ou não concordar. Estaremos, sim, tornando viável o nosso presente — pois já não se trata mais de considerar o futuro.

Cabe ao Governo, por seu lado, manter-se firme numa estratégia que permita a solução definitiva de nossos males econômicos e não ceder às tentações de soluções mágicas, quer pela troca de pessoas (não há gerente milagroso que substitua uma política correta), quer pela implementação de planos de algibeira (basta lembrar o “tiro certo” de ontem). Cabe a ele também ao procurar o consenso construtivo, saber distinguir o joio do trigo, buscar com humildade aliados e conselheiros na sociedade civil para poder se proteger contra os inimigos verdadeiros e os críticos empedernidos.

Só uma aliança do bom senso com serenidade, determinação e humildade, pode arrostar com sucesso a borrasca. É preciso enfrentar o Olimpo: não permitir que, ensandecidos, percamos todos. Do contrário, não haverá vencedores nem vencidos: apenas cento e cinquenta milhões de vítimas.